



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
As Teorias Marxistas sobre o Imperialismo e a Origem do Capital Financeiro			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Larissa Mazolli Veiga	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Mestranda
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
As teorias marxistas sobre o imperialismo suscitam um grande debate até os dias de hoje e todas elas reivindicam um legado deixado pela obra inconclusa de Marx sobre o assunto. Desta forma, para resgatar o início deste debate, o presente artigo pretende delinear quais foram as teorias clássicas marxistas sobre o imperialismo ligadas a formulação do conceito de capital financeiro. Para isso, irá investigar as obras de Hilferding e Bukharin e irá traçar quais foram as contribuições deixadas por esses autores na obra de Lênin, com a finalidade de mapear o desenvolvimento do conceito de capital financeiro, que em sua origem se propunha a ser uma continuação da obra de Marx.			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Teorias do Imperialismo; Capital Financeiro; Teorias Marxistas			
ABSTRACT			
Marxist theories of imperialism raise a considerable debate until nowadays and they all claim a legacy of the unfinished work of Marx. Thus, to redeem the beginning of this discussion, this article aims to outline what were the classical Marxist theories of imperialism related to the formulation of the concept of financial capital. Will investigate the works of Hilferding and Bukharin and will trace the contributions which were left by these authors in the work of Lenin, with the aim of mapping the development of the concept of financial capital, which in its origin was meant to be a continuation of Marx's work.			
KEYWORDS			
Theories of Imperialism ; Financial Capital ; Marxists Theories			

1. Introdução

As teorias marxistas sobre o imperialismo suscitam um grande debate até os dias de hoje e todas elas reivindicam um legado deixado pela obra inconclusa de Marx sobre o assunto. E com a retomada nesse debate, o conceito de capital financeiro tem reaparecido, mas com formas diferentes das originais, levando a constantes desencontros sobre sua configuração.

Desta forma, o presente trabalho pretende delinear o surgimento do conceito de capital financeiro a partir da discussão sobre as teorias clássicas marxistas sobre o imperialismo ligadas a ele. Para isso, irá investigar as obras de Hilferding, Bukharin e Lênin, com a finalidade de mapear o desenvolvimento deste conceito, que em sua origem se propunha a ser uma continuação da obra de Marx.

A época dos escritos desses autores, o mundo passava por sua primeira grande guerra, ou seja, presenciavam um período histórico importante, tanto politicamente, quanto economicamente. A hegemonia européia estava estabelecida mundialmente e era liderada pela Inglaterra, que concentrava um grande poderio econômico, financeiro e militar. No entanto, como todas as demais

potências européias também estavam em expansão, por conta da recente industrialização, a competição inter-estatal e imperialista, destruiu o equilíbrio de poder estabelecido desde o Congresso de Viena, levando a constantes enfrentamentos entre elas.

A partir deste quadro e de uma perspectiva marxistas, Hilferding, Bukharin e Lênin elaboraram suas teses sobre como este novo cenário internacional foi construído. Para isso fizeram uma análise sobre como o capitalismo se comportava naquele período e desenvolveram suas teses sobre imperialismo e capital financeiro.

Definindo o imperialismo, ou oferecendo bases para essa definição, conseguiram entender como a hegemonia inglesa, observada neste período, e seu intenso movimento de expansão, partiam da própria lógica do capital financeiro. O choque entre a Inglaterra e as demais potências européias, que se industrializaram logo após, pôde ser explicado pelos diversos projetos imperialistas nacionais dentro de um mesmo espaço.

Para dar conta de descrever todo processo de surgimento do capital financeiro, este trabalho irá expor sessões, além desta introdução. Na segunda sessão, será apresentado o trabalho de Hilferding, na terceira sessão o trabalho de Bukharin, na quarta sessão o trabalho de Lênin, e por último, na quinta sessão será feita uma conclusão.

2. Hilferding e o *Capital Financeiro*

Hilferding publica “*O Capital Financeiro*” em 1909. Seu texto pode ser considerado a primeira obra teórica marxista sobre o imperialismo. Sua principal contribuição foi identificar como os mecanismos de concentração técnica do capital dentro do capitalismo e da centralização financeira estão relacionados com a dinâmica do imperialismo.

A partir desses mecanismos e dos conceitos de capital bancário e de capital industrial elaborados por Marx, o autor inaugura um novo conceito, que chamado por ele de capital financeiro e que constitui o centro de toda sua discussão teórica sobre o imperialismo. Desta forma, o autor identifica a formação do capital financeiro como o principal motor da expansão imperialista que ocorreu no início do século XX.

Para dar início a explicação sobre o processo de formação do capital financeiro, Hilferding mostra como o surgimento das sociedades anônimas libera o capital industrial de sua função de capitalista empresarial. Ao surgir a possibilidade de venda de ações, cessa a necessidade de se adiantar capital para dar início ao processo produtivo.

Esta liberação do capitalista industrial também ocorre quando há a possibilidade de empréstimos de montante de capital, neste caso o emprestador e o comprador de ações possuem o mesmo papel de capitalista monetário, pois fornecem dinheiro para receber rendimento. No entanto,

se diferenciam pelo fato de que o acionista recebe, não é determinado previamente, não tem garantia de recebimento e não há como reaver o dinheiro, já que está colocado dentro do processo produtivo. Entretanto, o desenvolvimento do mercado de ações possibilitou aos acionistas a terem a opção de vender suas ações e reaver o capital que antes fora imobilizado.

Desta forma, explica-se o processo de monopolização, que se inicia a partir do surgimento das empresas de sociedades anônimas, permitindo a compra de empresas de menor porte por empresas maiores, acelerando a tendência de centralização do capital descrita por Marx. Essa maior centralização do capital gerava uma crescente cartelização, pois dentro deste processo os grandes capitais acabavam por expulsar os pequenos capitais.

Os bancos também participaram ativamente do processo de centralização do capital. Isto aconteceu porque estes tinham a função de centralizar o capital-dinheiro, ou seja, conseguir reunir todas as formas de obtenção de capital e distribuí-los para as empresas. O dinheiro dentro dos bancos provinha de duas fontes: dos fundos de classes não produtivas e do capital de reserva dos capitalistas comerciais e industriais. Cabia aos bancos colocar a disposição estes capitais para as empresas participantes do processo produtivo. Então, conclui-se que o capital industrial é ativado por um capital que tem um volume muito maior do que o capital global que é propriedade dos capitalistas industriais e a disponibilidade desse fundo pertence aos bancos.

No entanto, os bancos só irão atrair estes fundos se conseguirem pagar juros por eles, e como as outras modalidades, como a especulação e o crédito para a circulação estavam decaindo em face ao desenvolvimento industrial, só restava aos bancos transformar estes fundos em cada vez mais em capital industrial.

Portanto, para Hilferding, os principais responsáveis para o crescimento do monopólio foram os bancos. Como estes controlavam as principais fontes de financiamento, passaram a desempenhar um papel dominante dentro do sistema capitalista. Segundo o autor: “*assim, com o desenvolvimento do capitalismo e sua organização creditícia, cresce a dependência da indústria com relação aos bancos.*” (Hilferding, 1989, p.)

Com o crescimento dos cartéis e trustes, os bancos precisam também se unir para não ficarem dependentes dos cartéis, pois é a força do maior capital que decidirá qual empresa cairá na dependência da outra. Desta forma, a cartelização promove a união dos bancos, assim como a união dos bancos fomenta a cartelização.

Quando ocorre o fenômeno da formação de trustes e cartéis, a livre concorrência é abolida, aumentando, assim, o lucro do capitalista, que por sua vez pode ser capitalizado e transformado em lucro fundador, o que dará origem ao processo de concentração do capital. Entretanto essa maior

concentração do capital dá mais segurança ao capital investido, o que permite aos bancos a estender o crédito industrial e participar cada vez mais do lucro industrial.

Por essa razão, os bancos tinham um papel ativo dentro da cartelização, porque a estimulavam através de seus instrumentos e porque o faziam intencionalmente. Para os bancos a cartelização era interessante na medida em que era mais difícil a falência de uma empresa com grande quantidade de capital, do que uma pequena empresa. Desse modo era mais vantajoso para os bancos que houvesse grandes quantidades de capitais reunidas, pois dificultava a possibilidade de não receber o retorno de seus empréstimos. Somado ao isso, estava o fato de que empresas com capitais maiores e cartelizadas geravam um lucro maior.

Para compreender essa interferência cada vez maior do capital monetário nas competências do capital industrial, precisamos delimitar quais são as três partes do capital classificadas por Marx. O capital industrial, caracterizado pelas empresas produtivas, o capital bancário composto dos bancos e de empresas que trabalhavam com o capital-dinheiro e o capital comercial, que compra e vende mercadorias ao invés de produzi-las. Marx destacou também que esta separação é uma particularidade da era do capitalismo competitivo. Portanto para Hilferding, ela não poderá aparecer dentro do capitalismo monopolista.

Assim, Hilferding explica o surgimento do capital financeiro da seguinte forma:

“Uma porção cada vez maior do capital da indústria não pertence aos industriais que o aplicam. Dispõem do capital somente mediante o banco, que perante eles representa o proprietário. Por outro lado, o banco deve imobilizar uma parte cada vez maior de seus capitais. Torna-se assim, em proporções cada vez maiores, um capitalista industrial. Chamo de capital financeiro o capital bancário, portanto o capital em forma de dinheiro que, desse modo, é na realidade transformado em capital industrial. Mantém sempre a forma de dinheiro ante os proprietários, é aplicado por eles em forma de capital monetário – de capital rendoso – e sempre pode ser retirado por eles em forma de dinheiro. Mas, na verdade, a maior parte do capital investido dessa forma nos bancos é transformado em capital industrial, produtivo (meios de produção e força de trabalho) e imobilizado nos processos de produção. Uma parte cada vez maior do capital empregado na indústria é capital financeiro, capital a disposição dos bancos e pelos industriais.

O capital financeiro desenvolveu-se com o desenvolvimento da sociedade anônima e alcança o seu apogeu com a monopolização da indústria. “*O rendimento industrial ganha um caráter seguro e contínuo; com isso, a possibilidade de*

investimento de capital bancário na indústria ganha extensão cada vez maior.”
(Hilferding, 1985, p.219)

Desta forma, na fase monopolista do capitalismo surge o fenômeno do capital financeiro, é caracterizado pela união entre o capital industrial e o capital bancário, mas sobre a dominância do segundo. O capital financeiro surge a partir da predominância dos bancos na atividade produtiva. Como a concentração de capital é liderada pelos bancos, que reúnem o capital e ofertam crédito, o capital industrial, que antes era independente, acaba se mesclando com o capital bancário e formando o capital financeiro.

Hilferding também mostra que esse movimento monopolista do capital, que tem por base a supressão da livre-concorrência, mudará a relação entre a classe capitalista e o poder do Estado. A anterior relação entre burguesia e Estado nasceu contra o mercantilismo, contra o poder do Estado de privilegiar as grandes companhias comerciais e coloniais. Diante das leis estatais, precisou provar que o mercado agia por leis próprias, acima de qualquer regulamentação estatal, em que regia o *laissez-faire*. Agora, com o capitalismo monopolista, a luta tem a finalidade de defender a atividade produtiva interna, ou seja, a nova luta burguesa é para que o Estado proteja a produção nacional.

Para exercer essa proteção dos grandes cartéis pelo Estado, as tarifas protecionistas desempenham um papel importante. O protecionismo é usado para deixar em desvantagem os bens produzidos externamente e facilitar a concorrência dos bens produzidos internamente, servindo como proteção ao capital interno.

Inicialmente as tarifas protecionistas foram propostas para proteger a indústria nascente, no entanto, o aumento do monopólio transformaria o papel das tarifas. No capitalismo monopolista proteção tarifária é necessária para que os trustes ou cartéis formados em nível nacional possam obter mais vantagens sobre sua posição de monopólio.

Estas tarifas protecionistas, ao cercearem a concorrência externa, elevam o preço interno acima do vigorado internacionalmente, dando a possibilidade ao cartel nacional de aumentá-lo. Assim, a capacidade de manejo de preço dos monopólios está diretamente relacionada ao tamanho da tarifa. Portanto os monopólios irão cada vez mais necessitar da proteção alfandegária para garantir seus lucros e obter vantagem da sua posição de monopólio.

Segundo Hilferding:

“A indústria cartelizada está dessa forma diretamente e sobremaneira interessada na dimensão quantitativa do protecionismo. Quanto mais alta a tarifa, tanto mais poderá

ser aumentado o preço interno sobre o preço internacional, e, dessa forma, tarifa temporária torna-se um alto protecionismo.” (Hilferding, p. 289)

Assim, o autor conclui que a tarifa protecionista traz ao capitalista um lucro maior do que o advindo da condição de monopolista. Somado a isso, podemos considerar também que quanto maior o território econômico envolvido por esta proteção, maior será o volume de vendas dentro deste mercado interno e maiores serão os lucros do cartel. Quanto maiores esses lucros, maior poderá ser o subsídio à exportação e mais forte será a posição competitiva do cartel dentro do mercado mundial.

Hilferding conclui que o protecionismo:

“Acentua extraordinariamente as desvantagens de um território econômico menor, dificultando a exportação, reduzindo, por conseguinte, a possível amplitude da empresa, atuando contra a especialização e elevando os custos de produção com isso e pelo fato de impedir uma divisão do trabalho internacional mais racional.”(Hilferding, 1989, p. 294)

Com isso, o autor completa que esta necessidade de protecionismo divide o mundo em distintos territórios de economias nacionais, diminuindo o poder de expansão do território econômico, e o aumento deste protecionismo impulsiona a expansão do monopólio. Disto decorre o surgimento de obstáculos ao crescimento e ao desenvolvimento das forças produtivas, mas, ao mesmo tempo, garante o aumento na taxa de lucro. Esta contradição pode ser considerada um dos pilares da teoria do imperialismo.

De acordo com Hilferding

“Enquanto por um lado, a generalização do sistema protecionista aspira desmembrar progressivamente o mercado mundial em territórios econômicos individuais separados por Estados, a evolução para o capital financeiro eleva a importância da magnitude do espaço econômico.”(Hilferding, 1989 p.293)

Como a maioria dos Estados passou a usar do protecionismo para proteger seu capital interno, os monopólios tentavam contornar estas barreiras generalizadas. Para isso, foram usados os subsídios a exportação, para tentar superar as barreiras alfandegárias estrangeiras, com intuito de diminuir o grau de restrição da produção. Desta forma, o tamanho do subsídio é equivalente ao tamanho do protecionismo, quanto maior o protecionismo, maior a arrecadação e maior será a possibilidade de implementar os subsídios a exportação.

O autor argumenta ainda que a única vantagem garantida pelo livre comércio seria o aumento de produtividade, assegurado pela concorrência e, por essa razão, deixa defasada a produção dentro de um ambiente monopolista sem concorrência. Contudo, a alta dos preços

garantida pelo protecionismo e pelo monopólio, consegue compensar a alta do lucro provocada pelo aumento de produtividade. Assim, o livre comércio se torna nocivo e supérfluo para o capital.

No entanto, se o protecionismo não conseguir esgotar toda a necessidade de proteção, e por consequência a expansão do capital dentro das fronteiras de seu Estado, a opção será exportar este capital. A exportação de capitais se destina a enviar capital para gerar mais valia no exterior. Para isso, o capital deve ficar a disposição da nação de origem, ou seja, os capitalistas nacionais podem dispor da mais valia produzida por esse capital no estrangeiro.¹

De acordo com Hilferding:

“A área industrial ameaçada pelo protecionismo dos países estrangeiros explora agora este mesmo protecionismo, ao assentar uma parte da produção no exterior....Desta forma, a exportação de capital, poderosamente estimulada de outro modo pelo protecionismo do próprio país, é fomentada igualmente pelo país estrangeiro e, ao mesmo tempo, contribui para a difusão do capitalismo em escala mundial e para a internacionalização do capital.” (Hilferding, 1989, p.295)

A exportação de capitais pode acontecer de duas formas: o capital irá para o estrangeiro para render lucro ou juros, portanto, é imperativo que haja diferença nas taxas de juros e de lucro, tornando-se, assim, um meio de compensação entre as taxas de rendimentos de cada nação.

Desta forma, a exportação de capitais garante a abertura de novos mercados para expandir o capital, evitando depressões e atenuando possíveis crises de produção. Quando o capital se instala em novos países, acelera-se o processo de colonização destes e desenvolvem-se as forças produtivas, levando a uma melhora econômica nos mesmos. O crescimento econômico nesses países leva a um aumento da demanda por trabalho, o que leva a uma percepção de que há um desenvolvimento interno. No entanto, Hilferding salienta que: “*A rápida ascensão da produção capitalista impede a tomada de consciência dos danos da sociedade capitalista e cria um juízo otimista sobre sua força vital.*” (Hilferding, 1989, p. 299)

A velocidade de exploração das colônias e dos novos mercados pelo capital estrangeiro aumenta quanto maior for sua produção de matérias primas, que possibilitam a aplicação do capital. Com a expansão do capitalismo, a partir de 1895, estes produtos obtiveram alta em seus preços, o que acentuou a procura de novas fontes de produção. Com isso, a exportação de capitais se dava diretamente para áreas de produção de matérias primas e explorava esses países de forma capitalista.

¹ Para caracterizar uma exportação de capital é necessário que haja a possibilidade de que a mais valia volte para o país de origem, quando o capitalista não dispõe da mais valia do capital alocado no exterior, é caracterizado como desnacionalização do capital, ou seja, uma transferência e não exportação do capital.

Quando o capital encontra empecilhos a sua necessidade de exploração e quando a superação destes só pode acontecer de forma lenta e gradual, o capital invoca a violência estatal. Hilferding nos mostra que:

“Os métodos violentos pertencem à essência da política colonial que, sem eles, perderia seu sentido capitalista e constituem também um componente integrante da mesma política, assim como a existência de um proletariado explorado é *conditio sine qua non* do capitalismo. Levar cabo uma política colonial, eliminando seus métodos violentos, é uma ilusão tão pouco séria quanto pretender suprimir o proletariado, conservando o capitalismo” (Hilferding, 1989, p. 300)

Então, quando os novos mercado já se encontram colonizados, que antes era mera área de venda, passa a ser esfera de investimento de capital. Esta mudança implica em uma alteração no comportamento político dos países exportadores de capital. Portanto, há transformações nas relações institucionais dos países que recebem o capital, geralmente o que acontece é a implementação do modelo de Estado europeu. O comércio pode acontecer entre diferentes organizações sociais, mas o investimento de capital requer a criação de relações capitalistas de produção. Onde essas relações não se encontram bem estabelecidas, o controle colonial pode ser uma forma de criá-las

Nesses lugares, existe a necessidade de um poder Estatal forte, para que a autoridade central proteja os interesses capitalistas estrangeiros. No entanto, esse Estado forte, capaz de resguardar o capital externo, deve estar dominado pelo país de origem do capital, pois somente assim fica garantido que os direitos ao rendimento deste capital voltem ao seu lugar de procedência. Deste modo, o ato de exportar o capital fomenta a atuação de uma política imperialista. O autor nota que:

“A exportação de capital, especialmente desde quando se deu em forma de capital industrial e financeiro, acelerou enormemente a reviravolta de todas as velhas relações sociais e a submersão do mundo no capitalismo. O desenvolvimento capitalista não se deu de modo autóctone em cada país isoladamente; pelo contrário, com o capital foram simultaneamente importadas produção capitalista e relações de exploração, e isso sempre no grau alcançado no país mais avançado.” (Hilferding, 1989, p.303)

Hilferding conclui que o capital financeiro seguirá três objetivos: aumentar sempre o seu território econômico, resguardar esse território através de políticas protecionistas contra a concorrência estrangeira e tornar esse território em uma área de exploração para os monopólios nacionais.

Esta lógica do capital financeiro consiste no fato de que dentro de um espaço econômico pequeno, haverá pouca força para superar a luta competitiva e maior será a necessidade de se exportar capital, com a intenção de participar também do desenvolvimento econômico das demais potências e dos seus altos lucros. E, da mesma forma o oposto também acontece, dentro de um espaço econômico grande e com maior poder estatal, melhor será a posição de determinado capital deste país no mercado internacional. Hilferding finaliza da seguinte forma, “*Assim, o capital financeiro torna-se portador da idéia do fortalecimento do poder estatal por todos os meios.*” (Hilferding, 1989, p.311)

O crescimento e desenvolvimento do capital financeiro transformaram de forma fundamental a estrutura de classes, o papel do Estado e a esfera ideológica. Quando ainda havia o capitalismo concorrencial o capital podia dividir-se em três partes distintas: o capital industrial, o comercial e o bancário. Com o surgimento do capital financeiro, que uniu o capital bancário ao industrial, houve a necessidade de impor a política deste capital. Assim, surgiu uma classe dominante relativamente unificada nos assuntos políticos, sob a liderança dos proprietários do capital financeiro.

Hilferding salientou que o capital financeiro necessitava do poder do Estado para resguardá-lo. Em primeira instância, a proteção tarifária era imprescindível para ganhar a benefícios do monopólio. Além desta necessidade de proteção, o capital financeiro, como visto anteriormente, pressiona por uma expansão territorial, e para ambos os movimentos é preciso que haja um Estado suficientemente forte para garanti-los. Assim, o poder político do Estado no mercado mundial se tornou meio competitivo do capital financeiro, gerando uma mudança na postura da burguesia com relação ao Estado.

Hilferding observa que o capital financeiro,

“Para manter e ampliar sua superioridade precisa do Estado que lhe assegure o mercado interno mediante a política aduaneira e de tarifa, que deve facilitar a conquista de mercados estrangeiros. Precisa de um Estado politicamente poderoso que, na sua política comercial, não tenha necessidade de respeitar os interesses opostos de outros Estados. Necessita, em definitivo, de um Estado forte que faça valer seus interesses financeiros no exterior, que entregue seu poder político para extorquir dos Estados menores vantajosos contratos de fornecimento e tratados comerciais. Um Estado que possa intervir em toda parte do mundo para converter o mundo inteiro em área de investimento para seu capital financeiro. O capital financeiro precisa de um Estado suficientemente forte para praticar uma política de expansão e poder incorporar novas colônias. (...) Então a política poder ilimitado se tornou uma exigência do capitalismo financeiro . (Hilferding, 1989, p. 314)

Desta forma, nota-se que é de caráter imprescindível que haja a proteção do Estado para o capital, tanto para garantir a concentração, quanto para garantir os mecanismos necessários para sua proteção e expansão. O capital precisa de um forte protecionismo ao mercado nacional para sobreviver e garantir seus lucros monopolistas.

A conquista de novos territórios econômicos se é essencial devido à constante necessidade de aumento do espaço para o capital se expandir, necessita de novos mercados. Para isso é preciso que haja a expansão do território físico, pois assim, internalizam-se espaços e mercados para garantir os privilégios no comércio internacional. Esta conquista de novos territórios só é possível através dos instrumentos coercitivos do Estado.

Como a lógica do capital financeiro não pode seguir uma política que não seja a imperialista, expansionista, a competição voraz entre os capitais sempre estará posta. E devido a essa necessidade do capital financeiro do Estado para sobreviver, somada a essa necessidade constante de competição, a guerra será inevitável.

Com esta argumentação, Hilferding conclui que é a economia nacional que passa a ser responsável pela luta entre os capitais. Dessa forma, no imperialismo esta luta é travada entre os Estados, que por conta da lógica do capital financeiro, estarão incessantemente buscando expansão de poder.

3. Bukharin e a *Economia Mundial e o Imperialismo*

Bukharin escreve *A economia mundial e imperialismo* em 1915. Diferentemente de Hilferding, o autor inicia sua análise a partir das economias nacionais, mas chega ao mesmo ponto quando alega que o imperialismo é a política do capital financeiro. Ele parte da descrição da economia mundial e da divisão do trabalho internacional para explicar que o desenvolvimento destes leva a nacionalização e internacionalização do capital e como esses movimentos do capital têm levam a um comportamento imperialista dos Estados.

A economia mundial é um conjunto de economias nacionais que interagem entre si, que por sua vez teriam como componentes as empresas individuais locadas neste país. Assim, o autor problematiza a questão do imperialismo, pois da mesma forma que os capitais concorrem nacionalmente, essa competição também aconteceria entre as economias nacionais. Desta forma, Bukharin define a economia mundial como: “sistema de relações de produção e de relações correspondentes de troca, que abarcam o mundo em sua totalidade” (Bukharin, 1986, p. 24).

Para explicar a diferença que existe entre as economias nacionais dentro da economia mundial, Bukharin define a divisão internacional do trabalho, que se expressa como uma extensão

da divisão social do trabalho. Segundo o autor, a forma como essa divisão internacional acontece depende de dois fatores:

“das condições naturais, decorrentes da diversidade do meio natural em que vivem os diversos organismos de produção; em segundo lugar, as condições sociais derivadas da diferença dos níveis de “cultura” e de estrutura econômica, e do grau de desenvolvimento das forças produtivas.” (Bukharin, 1986, p, 18)

Portanto a divisão internacional do trabalho apenas revela a desigualdade de desenvolvimento das forças produtivas e acaba por dividir o mundo entre países industriais e agrários, distinção que antes era feita dentro de determinado país, agora pode classificar também países. Com isso, países agrários exportariam produtos agrícolas e os países industriais exportariam produtos manufaturados. Então, o comércio internacional nos mostra que as relações de mercado podem esconder as relações de produção.

Com o desenvolvimento da divisão internacional do trabalho e com o aumento do volume de comércio internacional, ocorrerá não só a uma circulação maior de mercadorias, mas também de força de trabalho e capital. Esta maior intensidade na circulação de capitais ocasiona um maior movimento de exportação de capitais.

O autor nos mostra que o movimento de exportação de capital será dos países mais desenvolvidos para os países menos desenvolvidos porque há um excesso de oferta de capital no primeiro e porque a composição orgânica do capital é menor no segundo. Assim, pode-se observar um intenso processo de internacionalização do capital.

Esse excesso de capital, ou o que Bukharin chama de superprodução de capital, não gera um esgotamento das possibilidades de investimento, ou seja, a reprodução não atingiu seu limite. No entanto, é necessário que esse capital busque maiores taxas de lucro, deste modo a exportação de capitais será impulsionada por esta busca.

Esta intensificação da internacionalização do capital cria uma nova forma de interação entre os países, fazendo crescer a importância na forma em que acontecia o *relacionamento econômico internacional*. Bukharin alega que foram duas principais causas que levaram a este fato: a primeira é que o desenvolvimento do comércio internacional ocasiona a um ritmo de acumulação sem precedentes, no entanto a formação de cartéis e trustes faz com que as áreas em que ainda não estão dominadas a aplicação de capitais se torne desvantajosa, pois sem a presença do monopólio, os lucros ficam comprometidos, o que fomenta ainda mais o lançamento de capital para fora do país. A segunda é que a aplicação de tarifas aduaneiras dificulta a exportação de mercadorias, e isto não acontece com a exportação de capital, que ao se instalar no outro país ainda passa a se beneficiar da proteção tarifária deste, promovendo ainda mais a internacionalização do capital.

Bukharin descreve dois principais processos do desenvolvimento capitalista: A concentração do capital, que representa o aumento da mais valia produzida por determinado capital, e a centralização do capital representa a união de diversos capitais em um só. Quando um capital se encontra fortemente concentrado, este absorve empresas mais fracas, havendo um processo de centralização. Quando um capital se encontra centralizado, ele aumenta ainda mais seu poder de extrair mais valia. Ou seja, ambos os movimentos contribuem para o fortalecimento do outro.

Estas tendências do capital de se centralizar e se concentrar acabam fomentando a formação de cartéis e trustes. Um dos principais que aceleram a tendência a centralização do capital é o surgimento das sociedades anônimas, que dava bases para a falência do princípio da empresa individual e permitia mais facilmente a união dessas empresas em grandes monopólios. Assim, “*a concentração de capital adquiriu uma forma diferente: a concentração dos trustes*”. (Bukharin, 1986, p. 110)

Cabe ressaltar também, que Bukharin resgata a argumentação de Hilferding quando irá definir o capital financeiro, de fato até faz uma citação do *Capital Financeiro* para esclarecer o conceito. O autor percebe o capital financeiro como sendo o capital bancário tendo a função o organizador das atividades industriais, já que o capital bancário e o capital industrial pertencem a diferentes proprietários, fazendo com o que o primeiro se sobreponha ao segundo.

Com a formação de trustes² facilita-se a concentração de capital, o que gera um aumento no ritmo de acumulação, aumentando a extração de mais valia, que por sua vez como agora pertencem a um só capital, contribui ainda mais para a concentração e centralização do capital. Bukharin exacerba este argumento e descreve que a concentração chegará a tal ponto em que os trustes irão se tornar um só truste nacional, como se pode observar na seguinte passagem:

“O capital financeiro prende, em suas tenazes, o conjunto do país. A economia do país transforma-se em um gigantesco truste. A economia se transforma em gigantesco truste combinada, cujos acionistas são os grupos financeiros e o Estado. Designamos essas formações de trustes capitalistas nacionais (...) A partir daí, é possível falar de concentração de capital nos trustes capitalistas nacionais, compreendidos como partes integrantes de um campo econômico-social muito mais amplo: a economia mundial.” (Bukharin, 1989, p.111)

Desta forma, a concorrência que se dava entre os variados capitais nacionais, que agora se encontram unidos em um só truste, irá ocorrer entre economias nacionais, O autor salienta que essa

² Bukharin não exemplifica as diferenças entre trustes e cartéis, pois alega que não há espaço para discutir a diferença.

concorrência já existia, mas como a estrutura interna das economias nacionais era diferente, esta concorrência se dava de outra forma.

Este é o processo que Bukharin chama de nacionalização do capital, quando o capital se encontra em sua maioria reunido em um só truste.³Então, com o advento do capital financeiro, a relação entre o capital e o Estado muda de figura, agora o Estado é o ator principal da concorrência entre os capitais. Apesar desta mudança, o Estado ainda fica subordinado ao capital financeiro.

Com a nacionalização do capital, a centralização do capital irá acontecer de novas formas, mais intensas. Este processo é caracterizado pela absorção de pequenos capitais por grandes capitais, que nesta nova fase do capitalismo ocorrerá também através da anexação imperialista. Então, podemos chegar à conclusão que: *anexação imperialista constitui, pois, um caso particular da tendência geral capitalista a centralização do capital: uma centralização cuja amplitude deve corresponder ao nível da concorrência dos trustes*

Bukharin alerta para o fato de que o imperialismo não é só caracterizado por conquistas coloniais. Como ele separa duas formas de centralização, a primeira vertical, que quando ramos distintos se unem em um truste, e a segunda horizontal, quando ramos similares são fundidos em um só. Isto também acontece com o movimento de conquista dos países, quando a conquista é colonial, é caracterizado como uma centralização vertical, mas quando um país mais fraco, embora industrializado, é dominado por um país semelhante, significa uma centralização horizontal, e, portanto, também é considerado como uma política imperialista.

A transformação da forma de concorrência entre capitais torna mais importante o embate entre as economias nacionais. Com isso, se transformam também as maneiras em que esta concorrência será travada. Agora será utilizado todo aparato estatal para proteger os capitais nacionais. Portanto, a concentração e centralização do capital não colocam um fim na competição, somente a muda de forma. Segundo Bukharin:

“Quando a concorrência alcança seu paroxismo – a concorrência entre trustes capitalistas nacionais – a utilização do poder do Estado e das possibilidades que dele decorrem passa a desempenhar papel preponderante. É verdade que o aparelho do Estado sempre foi uma trama nas mãos das classes dominantes de cada país, seu “defensor e protetor” no mercado mundial, mas seu papel nunca foi tão considerável, tão importante quanto na época do capital financeiro e da política imperialista”
(Bukharin, 1989, p.117)

³ Bukharin não descarta que há a competição entre os capitais nacionais, somente atenta para o fato de que a maior parte do capital nacional se encontrar nas mãos de um só capital.

Uma das principais armas a serem usadas na luta concorrencial entre as economias nacionais são as tarifas alfandegárias. Da mesma forma que Hilferding, Bukharin argumenta que estas tarifas eliminam a concorrência externa e os preços internos podem ser elevados para que um lucro suplementar seja garantido. Este lucro suplementar será útil para a prática de dumping, que permitirá a venda de mercadorias no mercado externo a um preço mais barato que o interno. Como a circulação de mercadorias fica comprometida com o excesso de tarifas, estimula-se a exportação de capitais.

Outra principal arma que o Estado possui de garantir o lucro monopolista é a anexação de novos territórios, Bukharin exemplifica este fato da seguinte maneira:

“O grande papel econômico que desempenham hoje os direitos alfandegários conduz a uma política agressiva do capitalismo moderno. As taxas aduaneiras beneficiam os monopólios com uma mais-valia que lhes serve de prêmio de exportação na luta pelos mercados (dumping). Essa mais-valia pode crescer de duas maneiras: em primeiro lugar, por meio de um escoamento interno mais intenso, dentro de um mesmo território nacional. Em segundo lugar, por meio do alargamento deste último(...) Quanto menos restrito o território, tanto mais elevado é o lucro suplementar, em igualdade de condições; tanto mais fáceis são o pagamento de prêmios de exportação e a prática de dumping, e tanto mais importante é o escoamento para o mercado exterior e mais elevada a taxa de lucro. (Bukharin, 1989, p.71)

Logo, o autor conclui que a política do capital financeiro exige uma incessante expansão territorial, para que seus lucros monopolistas sejam expandidos, portanto haverá sempre uma impulsão do Estado para a conquista territorial. Portanto se faz necessária a militarização nacional, porque a luta entre os trustes capitalistas nacionais se dará pelo confronto de suas forças militares.

Como crescimento da importância do poder do Estado como defensor de seu capital nacional e dado que o enfretamento econômico entre os capitais é inevitável, o embate entre os capitais poderá acontecer através da guerra. Bukharin sinaliza que: “*O domínio do capital financeiro pressupõe o imperialismo e o militarismo. Nesse sentido, o militarismo é um fenômeno histórico tão típico quanto o capital financeiro.*” (Bukharin, 1989, p.120)

Assim sendo, podemos perceber que Bukharin resgata grande parte da argumentação de Hilferding. Apenas parte da análise das unidades Estatais e por isso, consegue fazer uma maior conexão sobre a relação entre capital e Estado. No entanto, apesar de um ponto de partida diferente, ao longo do tempo consegue caminhar em paralelo a argumentação de Hilferding e chegar as mesmas conclusões sobre o Imperialismo e o capital financeiro.

4. Lênin e *Imperialismo: fase superior do capitalismo*

Lênin escreve “*Imperialismo: fase superior do capitalismo*” em 1916 com o intuito de ser apenas um panfleto, como ele mesmo cita em seu prefácio, alegando ter pouco tempo e material disponíveis para fazer uma análise mais aprofundada do assunto. Portanto, trata-se de um texto descritivo da situação econômica daquele período, que viria a corroborar as teses já elaboradas sobre o Imperialismo por Hobson, Hilferding e Bukharin.

Em termos de reflexão teórica, pouco é adicionado por Lênin, que apesar de criticar os autores que constituem sua principal fonte, não modifica as bases teóricas propostas por eles. Grande parte da argumentação contida no livro está direcionada para a crítica da teoria do “superimperialismo” de Kaustky. Desta forma, o papel principal desta obra de Lênin é o de disseminar a teoria marxista sobre o imperialismo.

Lênin inicia seu texto descrevendo o processo de concentração da produção e, por conseqüência, do capital. Para o autor esta tendência seria uma das particularidades do capitalismo: a própria concorrência faria com o que os capitais se aglutinassem⁴. Com isso, a transformação mais importante do capitalismo, que o leva para uma fase superior, seria a supressão da concorrência e o surgimento dos monopólios. Assim, a característica principal desta nova fase do capitalismo seria a dominância dos monopólios.

Os bancos também possuem papel fundamental na tendência a concentração do capital. Sua função consistiria em intermediar as transações monetárias e, conseqüentemente, intermediar os pagamentos. Com isso, os bancos reuniriam o dinheiro em circulação e o colocariam a disposição dos capitalistas. Logo, transformariam capital inativo, parado, em capital ativo, que renderia lucros.

Como tendência do capital, o capital bancário também se concentra, fazendo com o que os bancos se reúnam em grandes monopólios. Portanto, ganham a capacidade de agrupar grande parte do capital-dinheiro em circulação. Por conta disso, a tomada de empréstimos pelos capitalistas industriais fica mais difícil, pois há somente poucos bancos a ofertar este crédito. Então, surge deste fato, a submissão do capital industrial ao capital bancário.

Esta submissão é a origem do capital financeiro. Para definir este conceito, Lênin cita Hilferding⁵, mas sinaliza que falta incluir neste conceito a tendência de concentração do capital que conduz ao monopólio. Então, não há mudanças, visto que Hilferding trata da concentração de capital ao longo de seu livro, a mesma definição de capital financeiro é usada na argumentação do livro, que o capital financeiro é a junção do capital industrial com o capital bancário.

⁴ Para corroborar esta constatação, Lênin cita Marx já havia demonstrado que a própria luta entre os capitais levaria a concentração destes.

⁵ A passagem que Lênin cita de Hilferding para definir capital financeiro é a mesma usada por Bukharin.

A partir do conceito de capital financeiro, Lênin mostra que há uma nítida separação da propriedade do capital e da sua aplicação na produção. E ao perceber isto, coloca o problema do capital parasitário, como o capital bancário domina o capital industrial, mas não é capaz de produzir, apenas cresce as custas da produção⁶. O autor considerara também que o capital parasitário é uma das principais características da nova fase do capitalismo.

O crescente desenvolvimento do capitalismo, e por conseqüência, o desenvolvimento das trocas, que agora aumentam e transbordam internacionalmente, dá origem a um crescimento em ritmo diferente das forças produtivas em cada país, é o que Lênin chama de *desenvolvimento desigual*.⁷ Essa desigualdade no nível das forças produtivas, por conta dos diferentes níveis de acumulação, gera um excedente de capital nos países que possuem um nível mais alto e mais rápido de acumulação. O excedente de capital nos países mais avançados gera uma queda na taxa de lucro, que irão procurar novas formas de aumentar esse lucro, levando a exportação desse capital para os países mais atrasados.

Onde o capital é mais escasso, onde a acumulação não ocorreu de forma satisfatória, os lucros serão mais elevados e os preços da terra, da mão de obra e de matérias primas serão mais baratos, configurando um cenário muito mais oportuno para o capital se instalar. No entanto, segundo Lênin, o capital só irá para os países mais atrasados se *as condições elementares para o desenvolvimento da industria estiverem asseguradas*. (Lênin, 2008, p. 62). Ou seja, estes países já estariam dentro da circulação do capitalismo mundial, com condições estruturais já estabelecidas.⁸

Quando os países mais atrasados recebem este capital estrangeiro, o capitalismo se desenvolverá, acelerando extraordinariamente o crescimento destes. No entanto, a exportação de capital pode gerar uma desaceleração dos países desenvolvidos. Mas, a disseminação e o aprofundamento do capitalismo pelo mundo se tornam um movimento compensatório a essa desaceleração.

Essa tendência a exportação de capital leva a uma competição entre os monopólios pelas áreas que ainda estão escassas de capital. Assim, os capitais mais fortes, ficam com maior parte dessas áreas, se tornando mais fortes ainda, aumentando a tendência à concentração. Entretanto,

⁶ Neste ponto é que se encontra a principal crítica de Lênin a Hilferding. Lênin critica Hilferding por não ter falado sobre o caráter parasitário do capital financeiro.

⁷ Aqui Lênin insere o conceito de desenvolvimento desigual, mas não desenvolve como e porque os países se desenvolvem de forma diferente. Bukharin, já analisou este fato e o atribuiu a divisão internacional do trabalho.

⁸ A questão da necessidade de exportar capital é melhor explorada por Hilferding e Bukharin. Lênin apenas a apresenta que esta necessidade é gerada pelo diferencial de acumulação entre os países.

Lênin discorda que haverá um só trustee que comandará todo planeta, para ele a competição entre os capitais não deixará de existir.⁹

De acordo com Lênin, a competição por estas áreas irá se estender como a partilha dos territórios, originando o movimento de expansão colonial. Assim, fica evidente mais um acontecimento que constitui o capitalismo imperialista: a partilha do planeta. Segundo Lênin:

“o traço característico do período que nos ocupa é a partilha definitiva do planeta, definitiva não no sentido de ser impossível reparti-lo de novo "pelo contrário, novas partilhas são possíveis e inevitáveis", mas no sentido de que a política colonial dos países capitalistas já completou a conquista de todas as terras não ocupadas que havia no nosso planeta. Pela primeira vez, o mundo encontra-se já repartido, de tal modo que, no futuro, só se poderão efetuar novas partilhas, ou seja, a passagem de territórios de um "proprietário" para outro, e não a passagem de um território sem proprietário para um "dono".” (Lênin, 2008, p. 77)

Deste modo as novas possessões coloniais irão buscar, além de novos espaços para o capital excedente, novas fontes de matérias primas. No entanto, Lênin afirma que o imperialismo sempre existiu, o que torna este novo imperialismo um caso particular é a existência de monopólios. É através do capital financeiro que estes monopólios exercem uma subordinação sobre a independência política dos Estados. De acordo com Lênin:

“Quanto mais desenvolvido está o capitalismo, quanto mais sensível se toma a insuficiência de matérias-primas, quanto mais dura é a concorrência e a procura de fontes de matérias-primas em todo o mundo, tanto mais encarniçada é a luta pela aquisição de colônias.” (Lênin, 2008, p. 83)

A única forma de garantir a posse sobre as fontes de matérias primas é justamente através do estabelecimento de colônias. Ao reunirem para si todas essas fontes, os monopólios ganham mais capacidade de auferir maiores lucros, pois retira de seus rivais a possibilidade de concorrência. Assim, o monopólio constrói mais alicerces e se torna mais sólido.

Para Lênin, a posse das fontes descobertas de matérias primas não é suficiente, é necessário também dominar os lugares onde possivelmente poderiam existir essas fontes. Então, os monopólios estariam em constante busca por novos territórios para que pudessem obter a posse até das fontes de matérias primas em potencial. É deste modo que Lênin afirma a intensa necessidade de expansão territorial do capital financeiro, segundo ele:

“o capital financeiro manifesta a tendência geral para se apoderar das maiores extensões possíveis de território, seja ele qual for, encontre-se onde se encontrar, por

⁹ É neste ponto que se encaixa a crítica de Lênin a Kautsky.

qualquer meio, pensando nas fontes possíveis de matérias-primas e temendo ficar para trás na luta furiosa para alcançar as últimas parcelas do mundo ainda não repartidas ou por conseguir uma nova partilha das já repartidas.” (Lênin, 2008, p. 84)¹⁰

Com esta intensa anexação de novos territórios ao capital monopolista, países desenvolvidos dominam os países mais atrasados, e assim como a dominação do capital financeiro sobre a estrutura produtiva, os países desenvolvidos também iriam ser *parasitas* dos demais. A característica desse capitalismo parasitário é a separação entre o setor *rentier* e da produção, essa separação também acontece entre os Estados, os mais avançados, que Lênin chama de *Estado-rentier* e os estados mais atrasados, que os que são produzidos enquanto os outros apenas usufruindo de juros e dividendos.

Depois de apresentar as linhas gerais do conteúdo do texto de Lênin, pode-se mencionar, como forma de resumir sua argumentação, a passagem clássica em que ele enumera os cinco traços fundamentais de sua teoria sobre o imperialismo:

“convém dar uma definição do imperialismo que inclua os cinco traços fundamentais seguintes: 1) a concentração da produção e do capital levada a um grau tão elevado de desenvolvimento que criou os monopólios, os quais desempenham um papel decisivo na vida econômica; 2) a fusão do capital bancário com o capital industrial e a criação, baseada nesse "capital financeiro" da oligarquia financeira; 3) a exportação de capitais, diferentemente da exportação de mercadorias, adquire uma importância particularmente grande; 4) a formação de associações internacionais monopolistas de capitalistas, que partilham o mundo entre si, e 5) o termo da partilha territorial do mundo entre as potências capitalistas mais importantes.”(Lênin, 2008, p. 102)

A partir disso pode-se afirmar que Lênin descreve o imperialismo como sendo uma nova e superior fase do capitalismo, onde o desenvolvimento deste trouxe a dominação dos monopólios e onde o capital financeiro se sobrepõe a esfera produtiva. Esse processo, por fim, conduz a exportação de capitais, que irá contribuir para a divisão do mundo entre os grandes capitais monopolistas.

5. Conclusão

Depois de apresentadas as formulações teóricas desses três autores, fica evidente que todos os autores estão falando de uma fase específica do capitalismo, estão descrevendo como aparece o

¹⁰ Apesar de linhas depois desta citação Lênin apresentar uma passagem de Hilferding dizendo que “O capital financeiro não quer a liberdade, mas dominação”, o argumento sobre a necessidade de expansão territorial fica bem mais simples do que o anteriormente apresentado por Hilferding.

capitalismo no início do século XX. Pudemos perceber que, em linhas gerais, a argumentação entre formação de monopólios, exportação de capitais, surgimento do capital financeiro e o ímpeto expansivo do capital é o mesmo. As diferenças entre esses autores são muito tênues.

Enquanto Hilferding destaca a participação dos bancos na centralização do capital e na formação dos monopólios, Bukharin parte da análise da divisão internacional do trabalho e do processo da nacionalização e internacionalização do capital para explicar a concentração de capital. Ambos os processos descritos vão levar a construção do conceito de capital financeiro. Para Lênin o capital financeiro está nos mesmos moldes do que o descrito por Hilferding, mas enfatiza que o principal causador deste processo é a concentração de capital.

Por fim, todos concordavam que o capital financeiro surgia a partir de uma sobreposição do capital bancário com o capital industrial, apesar de usarem diferentes pontos de vista para chegar a esta conclusão. Era ponto de consenso também que o desenvolvimento do capital financeiro levaria a uma constante necessidade de expansão dos Estados, gerando o imperialismo.

Quando se trata do conceito de imperialismo, dentro da obra de Hilferding sua definição fica pouco clara. Já para Bukharin, o imperialismo seria a política do capital financeiro, que busca incessantemente sua expansão. Entretanto, para Lênin, o imperialismo seria a nova etapa do capitalismo, não se trataria apenas da política do capital financeiro, seria a transformação do capitalismo para uma fase superior.

6. Bibliografia

BREWER, Anthony. (1980). Marxist Theories of Imperialism. London and New York, Routledge & Kegan Paul.

BUKHARIN, Nikolai (1984). A Economia Mundial e o Imperialismo. São Paulo, Abril Cultural.

HILFERDING, Rudolf (1985). O Capital Financeiro. São Paulo, Abril Cultural.

LÊNIN, Vladimir Ilitch.(2008) O imperialismo: fase superior do capitalismo. São Paulo. Centauro Editora.